

## A ATUAÇÃO EPISCOPAL NA GUERRA E O CASO DE DIEGO GELMÍREZ: UMA PROPOSTA TEÓRICA

Hericy Andrade Monteiro  
Mestrando pelo PROHIS-UFS

Bolsista CAPES

Integrante do Vivarium – Laboratório de Estudos da Antiguidade e do  
Medievo (Núcleo Nordeste)

hericy@gmail.com

Orientador: Dr. Bruno Gonçalves Alvaro

### RESUMO

O Medieval Ibérico foi palco de inúmeros conflitos armados, mas foi em seus períodos centrais – séculos XI ao XIII – que eles tornam-se mais frequentes, período esse denominado por grande parte da historiografia como o momento áureo da *Reconquista*. Dentro desse processo, vários agentes tornaram-se característicos, inclusive aqueles que, aos olhos contemporâneos, não poderiam formalmente envolver-se nesse tipo de conflito, como é o caso do Clero. É visando essa categoria que o presente artigo busca se inserir, procurando suprir lacunas e trazendo um maior aporte à discussão que já vem sendo travada acerca do contexto bélico Ibero Medieval e de que maneira os membros da Igreja participavam desses conflitos armados.

**Palavras-chave:** Guerra, Episcopado e Medieval

### ABSTRACT

The Iberian Middle Age has been the scene of numerous armed conflicts, but it was in its main periods - XI to XIII centuries - they become more frequent, this time called for a large part of historiography as the golden moment of the Recover. Within this process, several agents have become characteristic, including those who, in the contemporary eyes, could not formally be involved in this type of conflict, as is the case of the Clergy. It's aiming this category that the present article aims to insert, looking to fill gaps and bringing a greater contribution to the discussion has already been waged about the Iberian Medieval context of war and how members of the Church participated in these armed conflicts.

**Keywords:** War, Episcopate and Middle Age

## Introdução

Atualmente, os estudos acerca da guerra medieval e suas acepções vêm ganhando adeptos de forma significativa, em sua maioria, abordando principalmente a desmistificação dos estudos do século XIX e início do XX que, de forma errônea, não visualizavam a maneira como a guerra no medievo era desempenhada.

Antes, a concepção sobre a guerra era a de algo feito por pessoas sem a mínima noção do que de fato estavam desempenhando, ou seja, sem táticas ou estratégias. A visão dos antigos pesquisadores sobre a guerra medieval era de uma turba de homens violentos que iam ao combate com uma infindável sede de sangue.

Porém, atualmente, uma gama de novos estudos tem conseguido difundir uma nova visão, menos ligada à concepção de "Idade das Trevas" e mais preocupada em observar como era a conduta bélica no período e como era o comportamento em meio às batalhas, além de outros assuntos de natureza guerreira.

O Medievo Ibérico foi palco de inúmeros conflitos armados, mas foi em seus períodos centrais – séculos XI ao XIII – que eles tornam-se mais frequentes, período esse denominado por grande parte da historiografia como o momento áureo da *Reconquista*. Dentro desse processo, vários agentes tornaram-se característicos. As figuras de reis foram emblemáticas, enquanto espadas num longo processo de guerra contra os reinos *Taifas*, que visavam a retomada de territórios que antes pertenciam aos reinos cristãos.

Porém não apenas os laicos fizeram parte desse processo. Podemos dizer que o clero teve uma participação singular dentro desses combates, tanto na frente ideológica – legitimando os atos guerreiros desempenhados pelos senhores laicos e seus soldados durante as duras e sucessivas escaramuças que foram empreendidas –, quanto atuando como braço armado em conjunto com esses senhores.

Um dos principais estudiosos sobre o assunto é Francisco García Fitz, que vem apresentando uma série de resultados muito importantes acerca do fazer a guerra na Idade Média, com mais especificidade na realidade da Península Ibérica. Torna-se interessante notar também como aos poucos, mesmo dentro da temática guerreira, os estudos do próprio García

Fitz e de outros pesquisadores vem apontando uma maior participação na luta armada por parte dos clérigos.<sup>1</sup>

Porém, essa participação não era apenas de forma ostensiva, como um soldado, incluindo-os dentro da belicosidade inerente ao serviço que dispensava os chamados *miles*, mas, também, no âmbito político de todas as questões que envolviam a guerra, sendo no trato diplomático da situação ou até de maneira mais estratégica, organizando tropas e planejando o próximo passo dentro de uma situação de tensão política.

O nosso trabalho, inserido dentro dessa ótica de análise, pretende observar o discurso tecido pela *Historia Compostelana*<sup>2</sup> acerca dos aspectos políticos que envolviam o fazer a guerra no Medievo Ibérico no século XII.

Como afirma René Remond:

Se o político é uma construção abstrata, assim como o econômico ou o social, é também a coisa mais concreta com que todos se deparam na vida, algo que interfere na sua atividade profissional ou se imiscui na sua vida privada (REMOND, 2003, p.442).

E isso é algo que podemos notar na atuação do bispo/arcebispo de Santiago de Compostela, Diego Gelmírez na *Historia Compostelana*. É, portanto, dentro dessa categoria que o presente artigo visa se inserir, procurando suprir lacunas e trazendo um maior aporte à discussão que já vem sendo travada acerca do contexto bélico Medieval Ibérico e de que maneira os membros da Igreja participavam desses conflitos armados.

### **Significados modernos para a guerra**

Defendemos que primeiro é interessante expor um breve questionamento, contudo, deveras complexo: Qual o significado da palavra Guerra?

Para tal utilizaremos os cinco primeiros significados que nos são apresentados pelo dicionário Houaiss.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> REILLY, 1982; FLETCHER, 1984; FALQUE REY, 1994; ALVARO, 2013; DAVIS, 2004; DUGGAN, 2013; SMITH, 2011.

<sup>2</sup> *HISTORIA COMPOSTELANA*. Introducción, traducción, notas y índices de Emma Falque Rey. Madrid: Akal, 1994. (a partir desse momento utilizaremos a sigla HC para referenciar o documento)

<sup>3</sup> Guerra. *Grande Dicionário Houaiss beta da Língua Portuguesa*. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=guerra>. Último acesso em: 15 de abril de 2015.

O primeiro que nos é apresentado surge como sinônimo de Luta Armada entre Nações, por motivos variados, sejam eles: territoriais, econômicos ou ideológicos. Com essa acepção podemos notar uma valorização do viés mais belicista da guerra, interpretando-a de forma excessivamente ligada ao combate ou ainda ligada ao confronto de grandes proporções. Percebemos que nesse primeiro aspecto a guerra é tratada como algo de grande magnitude, ligado a nações e motivos de ordem mais ampla.

O segundo significado é Campanha, que é proveniente do latim *Campanea* e que diferente do primeiro significado apresentado possui um viés ainda mais amplo, porém dentro da temática da guerra essa amplitude é reduzida para um sentido mais ligado à vida prática militar sendo caracterizado como "uma série de operações militares durante uma guerra". Portanto campanha no sentido mais ligado a palavra guerra teria o seu significado voltado às operações militares desenvolvidas dentro de um determinado conflito.

O terceiro sentido que é atribuído vem ligado à palavra Luta, que advém do latim *Lucta* e surge como a definição que nos apresenta mais significados. Além disso, todas as acepções apresentadas estão de alguma forma ligadas à algum tipo de conflito, seja ele armado ou não. Porém, a definição mais específica correspondente à palavra guerra nos é apresentada da seguinte forma: Combate entre duas ou mais pessoas, com armas ou sem elas, com intenção de subjugar, pôr em fuga ou matar. Aqui nesse ponto nós podemos dizer que dentre os sentidos apresentados até agora este é o mais ligado à violência, onde a guerra é uma ação que pressupõe causar algum tipo de ferimento ao seu oponente sob a prerrogativa de subjugá-lo.

O quarto sentido atribuído é Arte Militar, esse significado foi o único representado na forma de uma expressão. Nós tivemos que desmembrar as palavras para conseguir algo palpável, então, tratemos primeiro da palavra Arte.

Advindo do latim *Arte*, a palavra está repleta de significados que a interpretam como a técnica necessária para realizar algo. Significados como: conjunto de regras para dizer ou fazer com acerto alguma coisa; livro ou tratado que contém essas regras; obra didática que contém os princípios de alguma disciplina; execução prática de uma ideia; saber ou perícia em empregar os meios para conseguir um resultado; entre outras atribuições, todas ligadas de alguma forma a realização técnica de algo. Portanto, como é possível observar nesse

momento, a palavra arte está mais ligada a um conceito acadêmico-normativo de produção da mesma.

No segundo termo nós temos o adjetivo Militar, do latim *Militare*. Aqui, podemos notar cinco significados, desde algo que diz respeito à guerra de forma geral, à milícia ou às tropas que dela participam, ou algo que se baseia na força militar ou nos costumes militares, que é determinado pelas leis da guerra e por fim pertencente ao exército.

Então dentro do contexto apresentado é possível dizer que Arte Militar seria, portanto, um conjunto de procedimentos para fazer algo de maneira correta, no que diz respeito à guerra e às tropas, deste modo algo próprio ao conhecimento militar.

Por fim, a quinta e última acepção: A ciência de conduzir um exército em campanha. Que seria, em resumo, muito parecido com o quarto significado, mas que de alguma forma teria passado por um crivo científico, que seria apreendido por meio de instrução, leitura e serviria de fato a um fim determinado.

Em suma, podemos dizer que os três primeiros significados podem ser sintetizados em um só: Conflito.

O conflito é o que de fato define a guerra, independente de ser entre países, por motivos territoriais, ideológicos ou econômicos. Quando abrimos esse leque para campanha e luta, observamos que não necessariamente esses conflitos podem estar dentro das acepções antes demonstradas.

Ao caracterizar a guerra como conflito, nós, conscientemente, queremos afirmar que existem várias vias para essa guerra ser feita, de maneira armada ou não.

Agora atendo-nos as duas últimas definições, podemos sintetizar que as denominadas Arte Militar e a Ciência Militar podem também ser categorizadas em outra definição, essa existente na palavra Estratégia: A arte de organizar, pensar, mobilizar e antecipar seus inimigos em uma situação conflituosa. Assim, “guerra” seria uma junção entre as acepções Conflito e Estratégia, podendo ser desempenhada das maneiras mais distintas.

## Obras sobre a guerra

Uma das obras mais antigas a tratar do assunto da guerra (ou conflitos) e mais especificamente sobre a estratégia militar e a própria guerra em si é a Arte da Guerra de Sun Tzu. O tratado fora escrito no século IV a.C e desde séc. XVIII existem versões que circulam pela Europa. Nele Sun Tzu apresenta a importância não só da estratégia para a guerra, tema que figura na maior parte dos treze capítulos que compõem o livro, mas, também, traz muitos detalhes sobre os caminhos indiretos que os conflitos podem tomar.

Para ele, tão importante quanto saber conduzir um exército em meio à batalha é também conhecer o seu inimigo, principalmente pelo estudo das táticas anteriormente utilizadas e até pelo emprego da espionagem e manipulação de outros envolvidos no conflito.

Sobretudo, assinala como crucial passo para a vitória, evitar o conflito, muitas vezes por meio da diplomacia, que tem um papel decisivo, pois Sun Tzu tem em mente que:

Os menores erros têm sempre consequências nefastas. Geralmente, os grandes são irreparáveis e funestos. É difícil sustentar um reino que terá levado à beira da ruína. Depois de destruí-lo, é impossível reerguê-lo. Tampouco se ressuscitam os mortos (SUN TZU, 2006, p.74).

Para nós ocidentais, uma das obras mais conhecidas (inclusive sob a alcunha "best-seller" medieval) é com certeza a *Epitoma Rei Militaris* escrita por Flávio Vegécio provavelmente no século V d.C. Nela o autor nos traz com uma riqueza de detalhes impressionante como proceder desde o recrutamento, formação, treinamento e os equipamentos do exército (a altura o Romano) e como proceder nas mais diversas situações e intempéries, inclusive com um capítulo exclusivo para combate naval. Porém, diferente de Sun Tzu, ele não traz consigo a abordagem diplomática, preocupando-se mais com problemas de logística que podem ocorrer durante uma campanha e menos com questões que envolvam espionagem ou qualquer outra maneira não violenta de aproximação.

A influência de Vegécio na cultura militar ocidental é enorme e continua com um dos maiores estrategistas modernos: Carl Von Clausewitz.

Suas lições de tática e estratégia vão além dos exercícios militares propriamente ditos, para se constituírem, inclusive, numa profunda reflexão sobre a filosofia da guerra e da paz. Essa reflexão contém observações éticas que são válidas para a formação militar, mesmo na

ocorrência do que, em nos nossos dias, veio a se chamar "guerra interna". Para Clausewitz, a destruição física do inimigo deixa de ser ética quando ele pode ser desarmado em vez de morto.

Outro grande teórico contemporâneo é Basil Liddell Hart. Tido por muitos como o Clausewitz do século XX (em termos de importância, pois se tratando de teoria, ele era completamente contrário àquelas aplicadas por Clausewitz) sendo apontado como o maior responsável pela introdução dos blindados no exército britânico, dele divergia no que diz respeito ao emprego da infantaria junto às forças blindadas. Enquanto seus opositores, dentre eles Fuller, advogava que os carros e blindados atuariam isolados, Liddell Hart defendia a tese do emprego da infantaria junto a eles (binômio infantaria-carro).

Ele visualizava uma "guerra do futuro" de maneira mecanizada, com operações de forças altamente móveis e para isto elaborou o primeiro manual da força mecanizada que estava sendo organizada na Inglaterra, no final dos anos 1920. Pregava no que diz respeito à tática, a ampla utilização dos ataques noturnos e das ações indiretas, além da máxima mobilidade dos blindados, como já citado anteriormente. Propunha mudanças no conceito de defesa enfatizando a defesa móvel e o contra-ataque, através do emprego de forças blindadas.

Defendia o fim da conscrição universal e a criação de um exército profissional, pequeno, bem treinado e dotado de equipamentos modernos, aptos para operar em qualquer Teatro de Operações defendendo os interesses da Inglaterra.<sup>4</sup> A maior parte deste exército, dois terços, seria de unidades blindadas.

Tanto Liddell Hart quanto Clausewitz tinham em sua obra a importância das ações militares e ainda hoje são referência para o estudo militar, porém, eles apresentavam uma visão muito peculiar sobre a guerra no medievo. Ambos observavam o medievo com o olhar anacrônico, procuravam nele uma profusão de detalhes que simplesmente não existiam, ou que, pelo contexto do homem medieval, isso acontecia de uma maneira diferente.

É com o revisionismo desse pensamento, principalmente encabeçado por Francisco García Fitz no caso Ibérico, que a medievalística tem atuado de maneira considerável para aplacar essa visão da guerra medieval como algo irracional, ou feita por homens que não conheciam o que era guerra. Algo no mínimo questionável, já que eles também leram

---

<sup>4</sup> Interessante é observar a aplicação desse conceito na formação da unidade tática do exército inglês o SAS (Special Air Service) criado durante a segunda guerra mundial.

Vegécio. Assim, podemos encontrar no contexto Ibérico uma forma de contribuir positivamente para essa questão.

### **Foucault, Clausewitz e a Guerra: a inversão de um aforismo**

No livro *Em defesa da sociedade* estão organizados uma série de textos referentes ao curso do ano de 1976 da cátedra de História dos Sistemas de Pensamento, ministrada no Collège de France, por Michel Foucault. Nessas aulas, é possível observar como Foucault descortina as relações entre a guerra e o poder durante todo o curso, porém, o mais impactante para análise da guerra consiste em sua famosa inversão do aforismo de Clausewitz.

O já citado Carl Von Clausewitz nos dá a seguinte proposição:

A guerra não é mais que a continuação da política por outros meios, ela não é somente um ato político, mas um verdadeiro instrumento da política, seu prosseguimento por outros meios (CLAUSEWITZ, 2010, p.91).

Então é sob esse aforismo que Foucault irá trabalhar em sua inversão, quando o mesmo desenvolve seus pensamentos sobre o que é o poder, como ele é exercido e de que forma ele se retro alimenta. Ele chega à conclusão que o mecanismo do poder é de fato a repressão, cuja repressão surge através da força. Assim, o papel do poder político seria reinserir essa relação de força, de forma deflagrada ou não, portanto:

Seria, pois, o primeiro sentido a dar a esta inversão do aforismo de Clausewitz: a política é a sanção e a recondução do desequilíbrio de forças manifestado na guerra. A inversão dessa proposição significaria outra coisa também: no interior dessa paz civil, as lutas políticas, os enfrentamentos a propósito do poder, com o poder, pelo poder, as modificações das relações de força - acentuações de um lado, reviravoltas, etc. tudo isso, num sistema político, deveria ser interpretados apenas como as continuações da guerra. E seria apenas para decifrar episódios fragmentações, deslocamentos da própria guerra. Sempre se escreveria a história dessa mesma guerra, mesmo quando se escrevesse a história da paz e das suas instituições (FOUCAULT, 2005, p.23).

Fazendo todas as ressalvas sobre o que de fato seria essa "repressão" e qual o papel desse poder, o que percebemos em Foucault nesse momento é uma concordância sobre a existência de dois caminhos fundamentais e distintos dentro da ótica de pensamento por ele construída.

De um lado temos a corrente do século XVIII, que vê o poder como algo original, que se articula com o poder político, constitutivo da soberania e tendo o contrato como matriz de poder político. Porém esse "poder contrato" quando passado do limite rapidamente teria como resultado a opressão e o terror da população. O limite do exercício do poder seria de fato a opressão.

Essa é a crítica realizada por Foucault à chamada teoria da concepção jurídico-liberal e ao economicismo (de viés Marxista). Para ele, na concepção liberal o poder é uma espécie de bem que de algum modo é concedido, se cede, se possui e se aliena. Daí então o poder político seja pensado em termos de contrato.

A teoria do poder passa então a ter uma função econômica. Economicismo este que aparece na teoria política marxista, porém de maneira diferente, não se tratando da forma do poder em si, mas de sua função. A economia apresenta-se como a razão histórica do poder no Marxismo, poder esse que serve única e exclusivamente para manter as relações de produção e, por conseguinte, a relação entre dominantes e dominados.

Do outro lado temos o sistema adotado por Foucault, ou *Hipótese de Nietzsche* como o mesmo denomina, que difere da dicotomia entre contrato e opressão proposta anteriormente. Aqui encontrar-se uma dualidade entre guerra e repressão. No entanto, diferente do que a opressão representa para o contrato, ou seja, o limite ou um resultado do uso do poder de forma exagerada, no caso da guerra nós temos um efeito que ocorre através de uma relação de dominação. A guerra geraria a repressão como um produto desse enfrentamento que aconteceria de forma contínua no seio da sociedade.

Com isso traçamos uma diferença crucial entre as duas teorias, pois de um lado a opressão vem como característica de um exagero no exercício do poder, logo, se torna possível fugir desse tipo de efeito. Por outro lado, a repressão aparece como um resultado natural de uma sociedade de guerra perene, onde o enfrentamento acontece de maneira ininterrupta, portanto, impossível de fugir.

Deixa-se de opor legítimo e ilegítimo e passa-se a pôr face a face luta e submissão. As coisas ainda são mais detalhadas por Foucault quando ele começa a falar sobre a gênese desses pensamentos e como eles acabaram por se enraizar.

Podemos ver no processo a construção dessa relação dialógica entre poder e direito régio, fruto de um pensamento que via no rei um centro do qual emanaria o poder de forma circular, para os mais próximos, até que aos poucos esse raio de poder fosse diminuindo. Tal qual uma pedra jogada em um espelho d'água, ação a partir da qual propaga-se ondas, a pedra em questão seria o rei e sua autoridade e as ondas propagadas o poder que chegaria até as extremidades ou ao limite desse que seria a força do poder régio.

Sendo assim, com essa afirmativa, percebemos que, de algum modo, a posição de Clausewitz em afirmar que a guerra é a continuação da política perpassa por uma permanência de um pensamento anterior, que acabou por ecoar na afirmativa feita por ele e assim a propagar uma ideia teórica. Isso de fato acontece também com a corrente defendida por Foucault no livro, pois o mesmo vê sua origem de uma maneira diferente, pois para o autor não se trata de avaliar a aplicabilidade do poder régio do seu centro, mas sim, das suas extremidades.

É dentro desse contexto que o poder se torna uma categoria de análise dentro da ótica foucaultiana apresentada em *Em defesa da Sociedade*. É a partir das organizações capilares, das extremidades, do processo de legitimação de um poder fora do âmbito régio, ou seja, inteiramente alheio a um espaço propício à aplicação desse poder.

Foucault se atém a como as leis e punições são aplicadas nesses locais distantes, como esse poder se organiza, em que instituições, de que forma isso vai se encadeando em meio a esse sistema de capilaridades, nas extremidades, na fronteira do poder régio, ou de forma mais geral nas fronteiras da Lei. Mas não só isso, Foucault também nos apresenta um conceito de Estratégia, onde ele distingue três sentidos da palavra: o primeiro apareceria como a escolha dos meios empregados para obter um fim, a racionalidade utilizada para alcançar objetivos, sejam eles quais forem. O segundo designaria o modo como um jogador se move de acordo com o que pensa acerca de como atuarão os demais, antevendo os planos dos seus adversários para garantir sucesso. Por fim, o terceiro, que nos é apresentado como um conjunto de procedimentos utilizados para privar o inimigo dos seus meios de combate e por fim obrigá-lo a renunciar da luta.

Essa é a "estratégia do poder" observada por Foucault como um conjunto de meios utilizados para manter ou iniciar o funcionamento de um mecanismo de poder. Estratégias próprias para a manutenção do mesmo quando se consiste na tentativa de se antecipar a ação

alheia. De forma geral apresenta-nos estratégia como um conceito de possibilidades infinitas sendo realizadas em meio às relações de poder.

### **García Fitz e as relações político/guerreiras na Península Ibérica**

Também em uma perspectiva que visa à aproximação entre guerra e política, temos o medievalista espanhol Francisco García Fitz que em sua obra *Relaciones políticas y guerra. La experiencia castellano-leonesa frente al Islam siglos XI-XIII*, trata mais a fundo de como esses dois binômios se cruzam no contexto da reconquista espanhola.

Para García Fitz, existe uma aproximação muito forte entre guerra e política, e uma aproximação maior ainda entre a guerra e a diplomacia:

Sin embargo, sería caer en una ingenuidad un tanto plana o, en ocasiones, directamente en una posición marcadamente cínica, ignorar que el diálogo, la negociación, el acuerdo, o por decirlo de una manera más genérica, las relaciones de índole política como alternativas a la violencia, pueden conducir a situaciones claramente perversas, injustas o simplemente inmorales. Políticos y analistas saben, aunque no siempre lo confiesen, que las relaciones políticas que se desarrollan en una mesa de negociaciones entre partes antagónicas no siempre constituyen opciones verdaderamente distintas al enfrentamiento, sino que por el contrario se plantean como una estrategia más de ese mismo enfrentamiento para alcanzar el fin propuesto e inicialmente defendido por la fuerza, que no es otro que la imposición de la voluntad propia al enemigo (GARCIA FITZ, 2002, p. 11).

Assim, nós percebemos que para García Fitz a guerra, a política e a diplomacia são faces de uma mesma moeda e que ambas podem sim ser utilizadas com a mesma finalidade, que seria segundo o próprio autor, “impor sua vontade ao inimigo”. Também é possível observar na obra do medievalista espanhol uma aproximação entre guerra e política como âmbitos que visam alcançar o mesmo interesse e que muitas vezes podem sim ter consequências nocivas e nefastas em ambos os lados.

O autor inclusive é categórico ao afirmar que em alguns casos a política pode causar um dano até maior que as ações militares, ressaltando que a guerra e a diplomacia são caminhos que muitas vezes levam a um único objetivo. No entanto, a decisão sobre qual abordagem utilizar muitas vezes está na análise feita a partir dos recursos disponíveis naquele momento. É então através do uso da tática e da estratégia que será decidido qual o caminho percorrer.

Posteriormente, ele faz uma análise do Ocidente medieval, chegando à conclusão de que sem o binômio guerra/política não seria possível a constituição dos reinos castelano-leoneses, pois, a todo o momento os reinos cristãos da Península Ibérica estavam em contato diplomático com os reinos *taifas* ali presentes. Muitas vezes forjando alianças e as utilizando posteriormente como uma estratégia para a retomada de territórios.

Ainda sobre tratados militares, ele cita Gaston Bouthoul com a sua obra *La guerra* e A.H. Jomini com *The Art of War*, a fim de mostrar uma nova visão de tratadistas sobre a guerra, aqui já ocorre uma inversão prática do que é proposto por Clausewitz em seu aforismo, propondo que a diplomacia e a política já seriam parte da guerra e não o contrário.

Além disso, o autor também aponta uma mudança significativa no conceito de estratégia, mencionando que o conceito proposto pelo já citado Liddel Hart<sup>5</sup> era a época muito preso à concepção da guerra como uma situação advinda da política.

Para García Fitz, atualmente o conceito de estratégia já se encontra totalmente desvinculado de meios exclusivamente militares operando inclusive em esferas conceituais mais amplas:

Actualmente, el concepto de estrategia se ha liberado plenamente de su antiguo cursé estrictamente militar para operar en esferas conceptuales mucho más amplias que tienen en cuenta campos de actuación diplomáticos, psicológicos o económicos, entre otros, influidos todos ellos por factores que inciden directamente en el pensamiento y planteamiento estratégico y que no pueden ser considerados como exclusivamente bélicos, tales como la geografía, la ideología, la cultura o el tipo de gobierno y de administración (GARCIA FITZ, 2002, p.19).

Para ele, fica clara a importância da participação da política em meio à guerra, ou para ser mais exato, que a guerra está longe de ser um meio político e sim o contrário: a diplomacia e os outros meios, esses sim, figuram como parte de uma estratégia de guerra, algo que é muito bem observado em toda a análise que se segue sobre a importância dessa diplomacia no contexto de reconquista.

### ***Historia Compostelana e Diego Gelmírez***

---

<sup>5</sup> Liddel Hart propunha algo muito semelhante a visão de Clausewitz sobre a guerra, para ele a estratégia era “a arte de distribuir os meios militares para realizar os fins da política”

A *Historia Compostelana*<sup>6</sup> foi publicada pela primeira vez por E. Flores, em 1765, no volume XX do tomo *España Sagrada* com um título em latim *Historia Compostelana sui de rebus gestis D. Didaci Gelmirez, primi Compostelani archiepiscopi*, porém ainda do séc. XVIII a obra passou a ser conhecida pelo título já citado como uma forma de abreviação da nomenclatura em latim.

A obra é composta por dezoito manuscritos que foram compilados e organizados em três grandes livros e posteriormente unidos em um só documento. Cada livro possui uma divisão enumerada de capítulos com títulos, é um documento que mescla vários estilos de escrita da época, classificado por muitos como um híbrido entre o Cartulário, a Gesta, o *Registrum*, o *Translatio* e a *Miracula*.

A *HC* foi concebida por Diego Gelmíres como registro dos seus feitos enquanto bispo e arcebispo de Compostela. Vários escritores contribuíram para a redação da obra, todos eles pertencentes ao séquito de Gelmírez, homens nos quais o bispo depositava confiança, sendo que a prova disso é a participação dos autores em momentos chave da trajetória de ascensão da Igreja Santiago de Compostela.

O primeiro autor, reconhecido pela maioria dos estudiosos da obra, foi Nuño Alfonso,<sup>7</sup> tesoureiro de Santiago de Compostela, cargo que foi ocupado por ele durante a maior parte do tempo que redigiu a *HC*. Tem a sua autoria comprovada através dos capítulos IV até o XLV do primeiro livro e divide a autoria dos capítulos I ao III do mesmo tomo com outro autor presente na obra, o Cônego Giraldo. Foi nomeado como bispo de Mondoñedo e principal responsável pela resolução envolvendo a liberdade concedida a Santiago, ainda pelo papa Urbano II a Dalmácio, predecessor de Gelmírez e que ainda não havia sido atingida.<sup>8</sup>

O Segundo autor responsável pela obra foi o arqui-diácono Hugo, que tem a autoria conferida pela própria *HC*, devido ao hábito de assinar os trechos por ele redigidos. Antes de ocupar a posição de arqui-diácono parece ter sido também capelão de Santiago e mais tarde foi nomeado bispo de Porto.

---

<sup>6</sup> A partir deste ponto utilizaremos a sigla *HC* quando nos referirmos ao documento.

<sup>7</sup> Também grafado como Munio.

<sup>8</sup> A liberdade aqui citada se refere a consagração de cargos e pessoas em Santiago de Compostela, que agora passa a ser feita apenas pelo papa, sem a intervenção de outras cúrias.

O terceiro autor reconhecido foi o já citado cónego Girardo,<sup>9</sup> de provável origem francesa devido aos comentários por ele tecidos em ocasiões nas quais registra a passagem pela região de Beauvais e a forma quase que impessoal a qual se referia aos seus companheiros da Galícia. Foi também homem de confiança de Gelmírez, tendo ido até Roma em 1118 com a petição que requisitava o arcebispado para Santiago. Ele foi o responsável por continuar a obra logo depois que Nuño Alfonso foi erigido bispo de Mandoñedo e a ele é atribuída a autoria completa do livro II e também do Livro III.

Existe também a possibilidade de haver outros autores na obra, mais precisamente um quarto escritor, o também cónego, Pedro, que teria dividido a autoria do livro II e do livro III da *HC* com Girardo. O primeiro a levantar essa hipótese é A. Lopez Ferreiro, que o identifica no capítulo XXVII do Livro I com a figura de Pedro Gundesíndez, que é nomeado para substituir o cardeal Gundesindo<sup>10</sup> após a sua morte. Há também a associação da figura de Pedro com a de Pedro Diaz, capelão de Santiago que mais tarde se tornaria cardeal de Santiago.

E, por fim, ainda há uma discussão acerca de um quinto autor, esse sim responsável pelo término da obra, denominado Reinerio, clérigo de Pistoya. Essa tese é defendida por A. Lopez Ferreiro, A.G. Biggs e E. Fernandes Almuzara, esse último inclusive defende a existência de um número maior de autores na *HC*, cerca de sete teriam sido encontrados por ele. Porém, todos os três concordam que foi Reinerio o responsável pelo término de todo o trabalho após os escritos de Girardo no fim do Livro III.

Como é possível observar, ainda existe uma enorme discussão sobre a autoria da *HC*, sendo que os três principais autores são os únicos que já são consensuais pelos estudiosos, pois todos eles conviveram e foram ordenados pelo próprio Gelmírez em funções superiores e de grande influência, além de serem homens de confiança do mesmo e ainda atuarem também em momentos chaves de todo o processo de crescimento de Santiago de Compostela.

### **Origem de Gelmírez e o contexto político da época**

Diego Gelmírez pertencia à baixa nobreza galega, era filho de Gelmirio, cavaleiro e então governador a serviço do bispo Diego Pelaez das Torres del Oeste em Catoira, por isso é levantada a hipótese que ele talvez tenha nascido neste local. Mas também se tem proposto

---

<sup>9</sup> Também grafado como Giraldo

<sup>10</sup> O fato pode ser observado durante a narrativa feita no livro I capítulo XC.

que ele seja originário de Santiago de Compostela. Provavelmente nasceu entre os anos de 1065 e 1070 e contava com quatro irmãos: Munio, Gundesindo, Pedro e João; além de outro irmão também chamado Pedro, que provavelmente fora resultado de um segundo casamento de seu pai.

Destinado à carreira eclesiástica, Gelmírez começou sua educação na escola da catedral de Santiago, até ser enviado à corte do rei Alfonso VI. Em seu retorno obteve ordenamento na Igreja de Santiago e esteve entre os anos de 1090 até 1094 à frente da chancelaria de Raimundo de Borgonha, conde da Galícia e genro de Alfonso VI. Foi administrador da diocese entre 1093 e 1094 até que em 01 de julho de 1100 foi ordenado bispo, mas apenas conseguiu consagrar-se na páscoa de 1101.

Como representante do rei, defendeu a costa da Galícia a partir dos ataques deflagrados por mercenários normandos contratados pelos seus opositores. Aliou-se com a nobreza local e realizou em 17 de setembro de 1111, a coroação de Alfonso Raimundez como rei da Galícia na catedral de Santiago de Compostela. Este, mais tarde seria conhecido como Afonso VII.

Na crise política que começou com o reinado de Urraca I, filha e sucessora de Afonso VI, dois grupos entraram em confronto. O primeiro grupo foi o dos nobres e clérigos que apoiaram os interesses da coroa catellano-leonesa afetados pelo casamento de Urraca com o rei de Aragão, Alfonso I, o Batalhador. O segundo grupo era o dos nobres galegos que fizeram oposição ao domínio da monarquia agrupando-se em torno de Alfonso Raimundez, filho do primeiro casamento da rainha com Raimundo de Borgonha, sob o pretexto de salvar o seu direito ao trono da Galícia. Gelmírez colaborou ativamente com o segundo grupo chegando inclusive a liderá-lo.

Apesar deste apoio recebido, Alfonso VII, em 1135, decidiu apoiar uma revolta comunal aos domínios da Diocese de Santiago e forçar o bispo de pagar impostos à coroa, coisa que não fazia.

### **Conclusões Parciais**

A teoria sobre a aplicabilidade capilar do poder régio pode certamente servir de mote para outros contextos, incluindo o nosso, pois como temos observado a utilização da

perspectiva foucaultiana de um conflito perene em toda a sociedade traz bastante escopo para a pesquisa, principalmente no tocante a realidade Ibérica.

Muito além da própria reconquista, é possível notar, de maneira mais aprofundada, uma relação entre essa "sociedade da guerra"<sup>11</sup> e o cerne da pesquisa que temos desenvolvido sobre o bispo Diego Gelmírez, e de que forma essas múltiplas relações de poder vão se entrelaçar para formar algo novo, para lutar contra ou a favor de uma permanência ou decisão política. Isso é visto principalmente quando nos deparamos, por exemplo, com a duplicidade da figura de Gelmírez que além de bispo/arcebispo é um proeminente senhor de terras, que chega a ser tutor do infante Alfonso Raimundez. Há ainda as situações que ocorrem quando ele entra em negociação com o Papa para a elevação do seu bispado à arcebispado, ou até com os conflitos travados com a rainha Urraca I em decorrência do seu casamento com Alfonso I, de Aragão, identificamos nessa figura e em sua atuação um campo fértil para o desenvolvimento da teoria acima exposta.

Gelmírez representa em si a figura senhorial, não só administrativa, como também na forma de um chefe militar, que lida com hostes de soldados e luta quando convocado, ou ainda para defender os seus interesses, muitas vezes fazendo valer o seu poder eclesiástico e também o seu poder senhorial.

Diego Gelmírez é o amalgama de dois poderes na mão de uma só pessoa, do poder capilar da Igreja Romana, distante, mas que quando necessário vem arrecadar favores ao seu bispo, da mesma forma que o bispo também cobra favores de Roma. Além disso, podemos observar de que maneira, sob o pretexto de defender o poder régio, a vontade de Gelmírez se impõe ao passo que aos poucos seus concorrentes vão sendo minados pelo tempo.

Deste modo, defendemos que dentro dessa ótica seja possível ligar os lados desse personagem tão intrigante a ótica de pesquisa mostrada por Foucault, e assim conseguir desenvolver uma teoria analítica que contemple a complexidade apresentada na figura de Gelmírez e de outros personagens tão complexos quanto.

## **Referências Bibliográficas.**

---

<sup>11</sup> Aqui entre aspas por que me refiro a concepção foucaultiana de que a política é o desdobramento de um estado perene de guerra ou conflito.

AZÉMA, Jean-Pierre. "A Guerra". In: Rémond, René (org). *Por uma História Política*. Trad. Dora Rocha, 2ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p.13-37. p.401-441.

BARROS, José D'Assunção. "História política, discurso e imaginário: aspectos de uma interface". *Saeculum: Revista de História*, v.12, João Pessoa, jan./ jun. 2005, p.128-141.

CLAUSEWITZ, Carl Von. *Da Guerra*. São Paulo: Martin Fontes, 2010.

GARCÍA FITZ, Francisco. "La Reconquista: un estado de la cuestión". *Clio & Crimen, Revista del Centro de História del Crimen de Durango*, n.6, 2009, p.142-215.

\_\_\_\_\_. *Relaciones políticas y guerra. La experiencia castellanoleonesa frente al Islam. Siglos XI-XIII*. Sevilla: Universidad de Sevilla, 2002.

\_\_\_\_\_. *Ejércitos y actividades guerreras en la Edad Media europea*. Madrid: Arco Libros, 1998.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1972.

RÉMOND, René. "Uma história presente". In: Rémond, René (org). *Por uma História Política*. Trad. Dora Rocha, 2ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p.13-37.

TZU, Sun. *A arte da guerra*. Porto Alegre: L&PM, 2006.